

A ortodoxia do Poeta

Em volume póstumo de 1980, Edições 70, sob o título *Trinta anos de Camões*, deixou isto escrito o incansável estudioso que foi Jorge de Sena:

Experiência pessoal, filosofia platônica, concepção esotérica e pitagórica do universo, uma tremenda e bem digerida sucessão de alusões e mitos clássicos, um cristianismo extremamente pessoal e espiritualizado (nunca ou quase nunca os dogmas, práticas e devoções da Igreja Católica são mencionados nas suas obras de qualquer maneira relevante, contrariamente ao que a tradição reacionária tem acentuado, ao tentar fazer de Camões um grande poeta da fé católica) e modelos de forma e expressão petrarquista... tudo isto junto, e harmoniosamente combinadas, é o fundamento ideológico e estético da sua criação poética. (p.290).

Nesse trecho, afirma-se: a) que Camões tinha uma concepção esotérica e pitagórica do universo; b) que o seu cristianismo era extremamente pessoal; c) que Camões não foi um grande poeta da fé católica.

Ora, o que uma leitura descompromissada e atenta dos textos camonianos nos revela é exatamente o oposto do que aí se afirma. Bem sabemos que “a obra é aberta”, que o texto admite mais de uma leitura interpretativa etc. O próprio crítico nos adverte que o Poeta possui “extraordinárias profundidades”, que vai procurar dizer alguma coisa do que “dessas profundezas, *Os Lusíadas* nos revelam, naquilo mesmo que escondem”, sem, contudo, deixar de nos alertar contra certos “mergulhos psicanalíticos que felizmente já vão passando de moda” (p. 282-83). Mas também há outros mergulhos, não menos perigosos, como os aritmossóficos, principalmente quando se chocam com a hialineidade dos textos; pois, como lá dizem os juristas, *interpretatio cessat in claris*. E não há nada mais claro nos textos camonianos do que a manifestação ortodoxa de sua fé católica.

Em recente trabalho, *Camões no Portugal de Quinhentos*, é este um ponto que o Prof. J. S. da Silva Dias faz questão de acentuar.

Diz a respeito:

Num livrinho de fortuna, o Prof. Mendes dos Remédios procurou mostrar a conexão do texto e contexto ideológico camonianos com a fé católica. A prova dessa conexão não pode aqui ser aprofundada (...), mas as conclusões da nossa análise confluem, em geral, com as daquele estudioso. (p. 45).

E as provas são as diferentes passagens da épica e da lírica em que o Poeta revela, com segurança teológica, a sua fé cristã. É algumas delas que iremos transcrever, utilizando para a epopéia a edição brasileira MEC/DAC e, para a lírica, a edição Costa Pimpão, de 1973.

Eis, p. ex., o que está em I, 65: “A lei tenho d’Aquele a cujo império / Obedece o visível e invisível, / Aquele que criou todo o hemisfério, / Tudo o que sente e todo o insensível, / Que padeceu desonra e vitupério, / Sofrendo morte injusta e insofrível, / E que do céu à terra em fim desceu, / Por subir os mortais da terra ao céu”.

Vê-se aí como, numa síntese lapidar, soube o gênio do Poeta compor todos os atributos essenciais do Deus dos cristãos: o Deus onipotente, o Deus criador dos homens e dos mundos; o Deus feito Homem, o deus redentor.

Em X, 38, lê-se: “Ocultos os juízos de Deus são; / As gentes vãs, que não nos entenderam, / Chamam-lhe fado mau, fortuna escura, / Sendo só Providência de Deus pura”.

Aqui aparece o Deus providência, aquele que “escreve certo por linhas tortas”, em quem devemos confiar, mesmo, e principalmente, nos momentos mais tormentosos da existência. São os escuros “fadados maus” das “gentes vãs”, mas os homens de fé alongam o braço, porque sabem que, na extremidade, têm a mão de Deus para ampará-los.

No soneto 166, ed. Pimpão, coloca o Poeta em confronto as duas causas que se entrecrocavam no tecer da vida humana, a Razão e o Absurdo, sem que possamos discernir os limites do poder de um e outro. E assim remata no último terceto: “Cousas há / que passam sem ser criadas / e cousas criadas há sem ser passadas, / mas o melhor de tudo é crer em Cristo”. Portanto, crer em Cristo e não nas efêmeras elucubrações dos humanos / é a única solução para as inquietudes e angústias das criaturas. Muitos outros lugares poderiam ser citados, se espaço houvesse. Basta, porém, lembrar, para concluir, que, não fôra a ortodoxia notória e firme do Poeta, o douto censor da Inquisição, Frei Bertolameu Ferreira, não teria liberado *Os Lusíadas* para publicação, ainda que o Poeta tivesse chamado *deusas* às Musas, porque “isto é poesia e fingimento, e o Autor, como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo poético”. O próprio Poeta o dissera na epopéia com todas as letras: “Só pera fazer versos deleitosos / Servimos” (X, 82).

Portanto fé inteiriça, pensamento e sentimento ortodoxamente católicos, eis o que uma leitura chã, escorreita e desanuviada da obra camoniana nos oferece.

Voz de Portugal
13 a 19 de junho de 1986

*